

BRASIL - PORTUGAL

1 DE FEVEREIRO DE 1907

N.º 193

PELOS MARINHEIROS



— Piedade, Senhor . . .

Digam o que disserem, o velho Portugal, mesmo de joelhos, é sempre grande

O "Brasil-Portugal,"

Oito annos vividos



Com este numero entra no 9.º anno da sua existencia o *Brasil-Portugal*. E não declarar que nos desvanecemos com estas palavras seria deixar de dizer a verdade inteira. E' que os oito annos que hoje findam, se representam muita vontade, muita tenacidade, muito obstaculo vencido, muito dinheiro gasto, muito sacrificio realizado, contêm ao mesmo tempo — para que negal-o? — uma dose de triumpho que remunera e compensa todos os esforços empregados

Oito annos de vida para uma publicação d'esta natureza, em terra de Portugal — bom é que o saibam os que teem por officio de tudo desdenhar e nada fazer — é uma existencia longa, é uma equação resolvida em que entram como factores principaes o trabalho perseverante dos de cá de dentro e a sympathia do publico, crescente e benevola

A essa sympathia, por tantas formas manifestada, a esse acolhimento cada vez mais lisonjeiro e penhorante, devemos, neste dia, especial registo, ao passarmos de um anno para o outro.

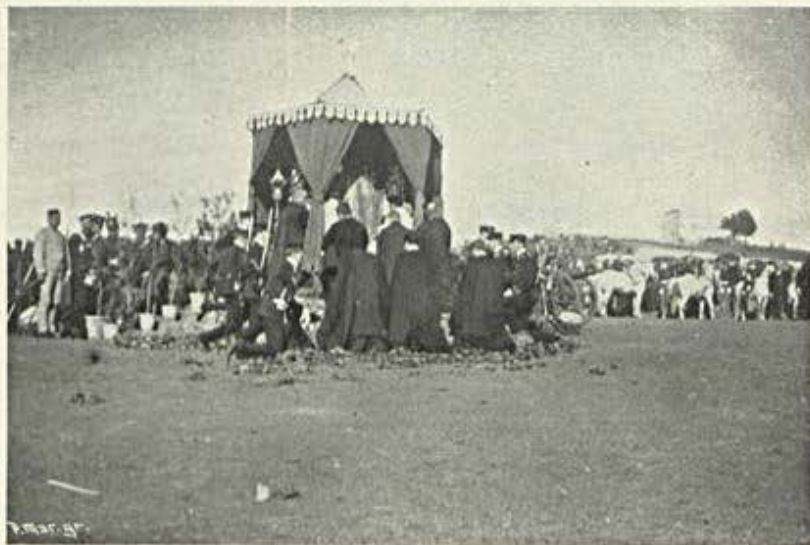
Quando em Fevereiro de 1899 appareceu o *Brasil-Portugal* com a sua capa a côres, insinuante e patriótica, na qual Roque Gameiro puzera uma boa parte do seu talento inventivo, com os retratos dos dois chefes d'Estado, D. Carlos I e Campos Salles, com as suas paginas illustradas por artistas portuguezes, e o verso e a prosa da sua parte litteraria firmados por nomes illustres na litteratura nacional, quando o primeiro numero surgiu como um luminoso traço de união entre os dois paizes que falavam a mesma lingua, a nossa poderosa, abundante, terna e forte lingua portugueza, parece que o mesmo sentimento vibrou em todos os corações, e o mesmo rebate de sympathia pela nossa obra nascente partiu de todos os espiritos. A' forma material por que essa sympathia se revela, traduzida em centenas de assignaturas que todos os dias nos entravam pela porta dentro, accresciam as adhesões de ordem moral que nos estimulavam, as saudações que nos chegavam de toda a parte, promessas de collaboração litteraria e artistica, que pela sua procedencia nos envaideciam, um sem numero de incentivos que davam á nossa iniciativa, por de mais arrojada, a força de uma realidade effectiva e, apesar de incipiente ainda, já brilhante.

Assim acariciada a ideia dos fundadores do *Brasil-Portu-*

gal, d'esse momento em deante não podiam elles deixar de adoptar intimamente por sua divisa e norma as palavras famosas de Villemessant: *en y pensant toujours*.

Pensarem sempre na sua obra, que era a sua filha dilecta, era mais de que uma tarefa nobilitante: era um dever de brio pessoal e de dignidade profissional. Elles tinham-se imposto a obrigação de crear a illustração portugueza, que não existia, de desenvolver e aperfeiçoar as artes da composição e da gravura, de fazer todos os quinze dias o registo litterario e artistico dos grandes acontecimentos que se fossem succedendo no Brasil e em Portugal, de intercalar com as photogravuras de monumentos, de individualidades e de paisagens, os casos occorrentes de mais palpitante actualidade.

No programma que fez parte do primeiro numero da Revista, vasto e ao mesmo tempo claro e singelo, elles tomaram a si o encargo de fazer convergir para as suas columnas o pensamento que despertasse nos mais cultos e poderosos cerebros de escriptores dos dois paizes, e, a illustral-os, os desenhos mais suggestivos dos seus artistas. Consideraram uma obrigação que se impunha o acolher por esta sorte a



A parada militar. — A missa

litteratura e a arte, tornando-as arterias vivificantes da civilização dos dois povos.

E sem outro impulso, que não fosse o da sua vontade, sem outras forças alem da que dimana de uma fé viva e de uma esperanza fervorosa, sem recursos nem auxilios senão aquelles que teem encontrado nas sympathias do publico, não tendo a pretensão de possuirem talentos superiores áquelle que o Infante navegador escolhera para sua divisa, mas tendo bem viva a convicção de que «querer é poder», bem arreigada a fé no futuro, e sempre de pé a esperanza



A parada militar. — Chegada ao hypodromo — El-rei á frente do seu Estado Maior

de triumphar, os fundadores do *Brasil-Portugal* gloriam-se hoje, e folgam de affirmar-o, de terem vencido a batalha n'um campo em que tantas derrotas se teem operado, e em que se espalham os destroços de tantos vencidos.

Um dos nossos collegas na direcção da Revista, foi em annos seguidos ao Brasil, para lá, deante dos nossos compatriotas e dos filhos d'esse paiz encantador e formidavel, advogar a ideia lançada, chamar para ella as attenções de todos, crear adeptos, enraizar convicções e irmanar vontades e affectos. Conseguiu-o, e ao voltar de uma d'essas campanhas, que não é de mais dar esse nome á lucta travada para vencer recalcitrantes e attrair indifferentes, viu com jubilo que o seu trabalho pessoal e indefesso, atravez de toda essa extensão territorial que vae do Guanabara ao Amazonas, era comprehendido e premiado em Portugal, pois que ainda estará na memoria de muitos o banquete de honra que lhe foi offerecido, e no qual escriptores, artistas, negociantes, jornalistas, politicos, lhe deram as mais effusivas boas vindas, felicitando-o calorosamente pelo empreendimento, pela coragem e pelo exito.

Poderíamos então ter adormecido sobre os louros, mas não. Lá estava erecta, firme, a apontar-nos o caminho, a divisa do fundador do *Figaro*. Mãos á obra, cada vez com mais denodo, cada vez com mais vigor.

Vigor! Escrevemos a palavra propria e adequada. Todo, na conjunctura que se formava, nos era preciso para não deixarmos de avançar *malgré tout*, para não ficarmos para traz. A sympathia do publico, se estimulava os nossos esforços, premiava-os por maneira tão notoria, que vinha provocar iniciativas alheias, crear novas empresas. Para ellas o caminho estava aberto, estava arroteado o campo, mas isso em nada attenuava a necessidade que tinhamos de porfiar na lucta, de marchar sempre. E agora mesmo, ao encetarmos o 9.^o anno, eis-nos no nosso posto, que é para nós um posto de honra, porque o é de combate.

Servir bem o publico, tornarmo-nos dignos da sympathia que nunca deixou de nos dispensar, é para os directores do *Brasil-Portugal* o mais grato dos deveres, e, para a consecução de tal fim, até ha sacrificios que se impõem. Pois não lhes offerecemos nós desde hoje uma consideravel redução no preço da assignatura, que fica por pouco mais de metade do que era primitivamente? Esta redução que ainda ha pouco offerecemos ao Brasil, não temos o maior prazer em a tor-

nar agora extensiva a Portugal, ás ilhas adjacentes e ás colonias portuguezas?

E nem por essa razão deixaremos um momento de pensar no programma com que abrimos, não para o cumprir á risca, mas para o exceder em aperfeiçoamentos e vantagens.

A cerimonia militar no hyppodromo

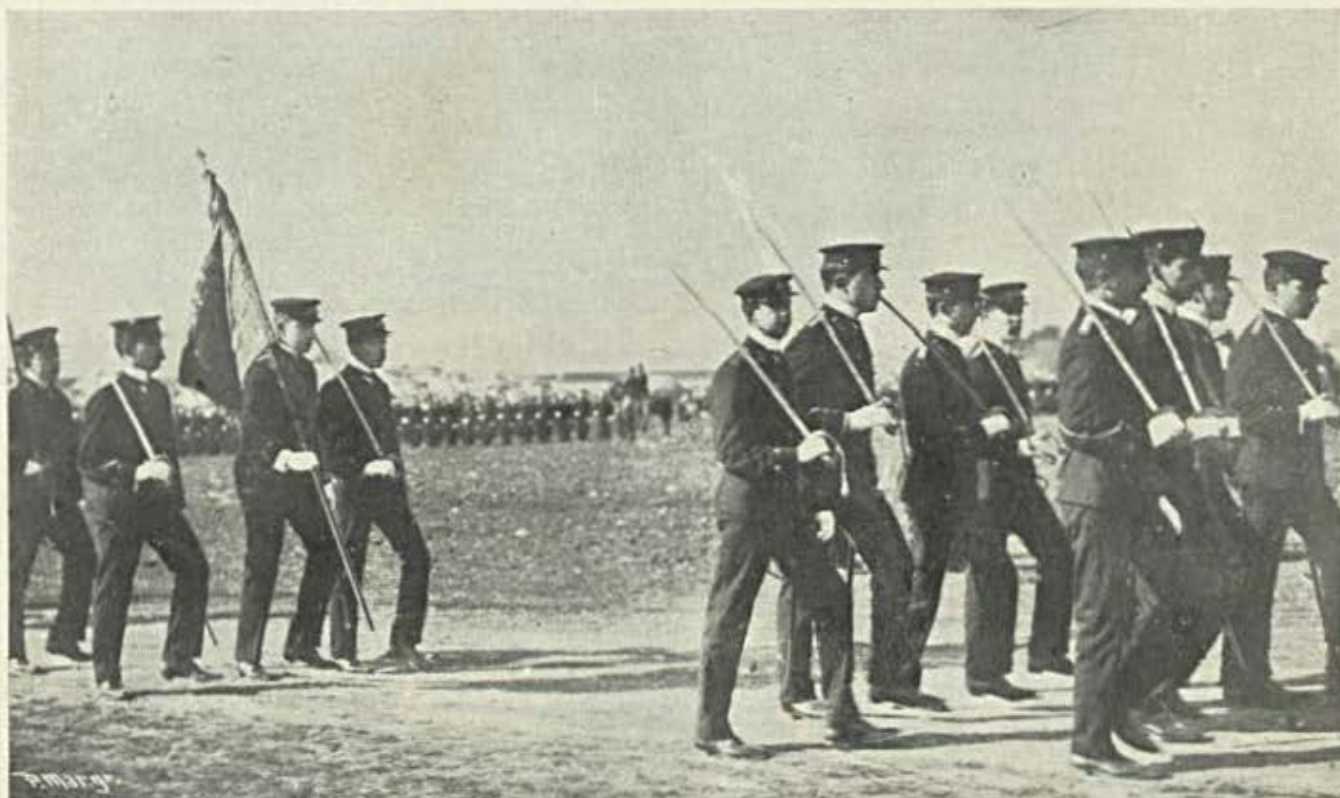
Realizou-se no dia 20, em todas as guarnições militares do paiz, com um caracter de festa patriótica, a cerimonia da ratificação do juramento da bandeira. Costumam estas festas apresentar uma feição emocionante, em toda a parte onde existe uma ideia definida de patria, aproveitando os commandantes militares o momento opportuno, para, por meio d'uma invocação á bandeira — o sagrado emblema da patria — fazer desabrochar no espirito ardente dos jovens recrutas as impressões do mais puro patriotismo, que lhes foram legadas pelos seus antepassados, e outros factos que devem estar sempre presentes e redivivos na imaginação de todos, que n'um momento dado pro-urem ou devam reconstituil-os e imital os.

Fazem-se despertar no coração, não só do soldado bisonho, mas da cre-nça, que desde a escola começa a tomar parte n'estas ceremonias, os episodios passados nas circumstancias mais perigosamente criticas, onde todos se uniam como muralha de granito em volta da bandeira, que deve sempre symbolisar todas as glorias do passado, as realidades do presente, e as esperanças do futuro.

Actualmente proconisa-se muito a ideia de que nas sociedades modernas se torna indispensavel estabelecer relações intimas e frequentes entre a escola, a caserna e a vida civil. A escola deve ser o ponto inicial de preparação para a vida de caserna.

A imprensa moderna cumpre hoje aproveitar todos os ensejos para fazer propaganda n'este sentido. Em todos os pontos da França, ha obras numerosas, devidas á iniciativa dos governos ou de particulares, que preparam o futuro defensor da patria, por intermedio da escola; e com a tendencia actual da redução do tempo de serviço militar, estas ideias não tardarão a generalisar-se. Como acontece na Suissa, no Japão e em varias colonias inglezas, seria para desejar que os recrutas portuguezes chegassem aos regimentos, tendo já recebido os principios da educação militar e principalmente sabendo fazer uso da espingarda e executar marchas militares nas condições normaes.

Quando o recruta ali chega ao regimento, já sente palpitar-lhe o coração em frente da bandeira, que lhe symbolisa a patria querida que todos sabem amar tão devotadamente; e comprehende o alto valor que representa este velho mas muito significativo cos-



A parada militar. — Os alumnos da Escola Naval (Aspirantes de marinha) — O Infante D. Manuel com a bandeira, entrando no Hyppodromo

tume militar que faz enraizar cada vez mais no coração o sentimento indestructivel de respeito pela bandeira, que faz lembrar a patria, como a mais santa das divindades tutelares.

Foi com os olhos postos na bandeira que se criou e definiu toda a nossa tão imminente personalidade nacional, que se accumularam todas as energias militares da nossa raça que constituem um passado sempre palpitante, que faz viver e definir o presente.

Em todas as paginas de tão intenso brilho da nossa historia se encontram episodios passados á luz irradiante da bandeira azul e branca, onde o soldado portuguez tem affirmado o seu elevado gráo de patriotismo e a sua abnegação no campo da batalha, para a conquista do poderoso sentimento da liberdade e independencia.

Em face das tendencias modernas, e dos costumes que se teem perpetuado pela tradição e cada vez com maior vigor nos paizes onde se cuida da defeza da patria, não podia deixar de ser unanimemente bem recebida a ideia d'uma cerimonia militar imponente, como a de ha dias no vasto campo do Hyppodromo de Belem.

Ainda não se extinguiu a excellente impressão deixada pela festa militar a que nos vimos referindo que foi certamente motivada pela belleza d'esse dia, que em pleno inverno apresentava todos os fulgores primaveris, pelo scenario empolgante, adornado pelo formosissimo Tejo, que lá ao longe produzia efeitos maravilhosos. b-tido da luz d'um sol rutilante, pelo aspecto elegantissimo das tribunas, onde estavam Suas Magestades as duas rainhas, o corpo diplomatico e incalculavel numero de senhoras que tanto realce deram á festa. Além d'estes factores importantes e da

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

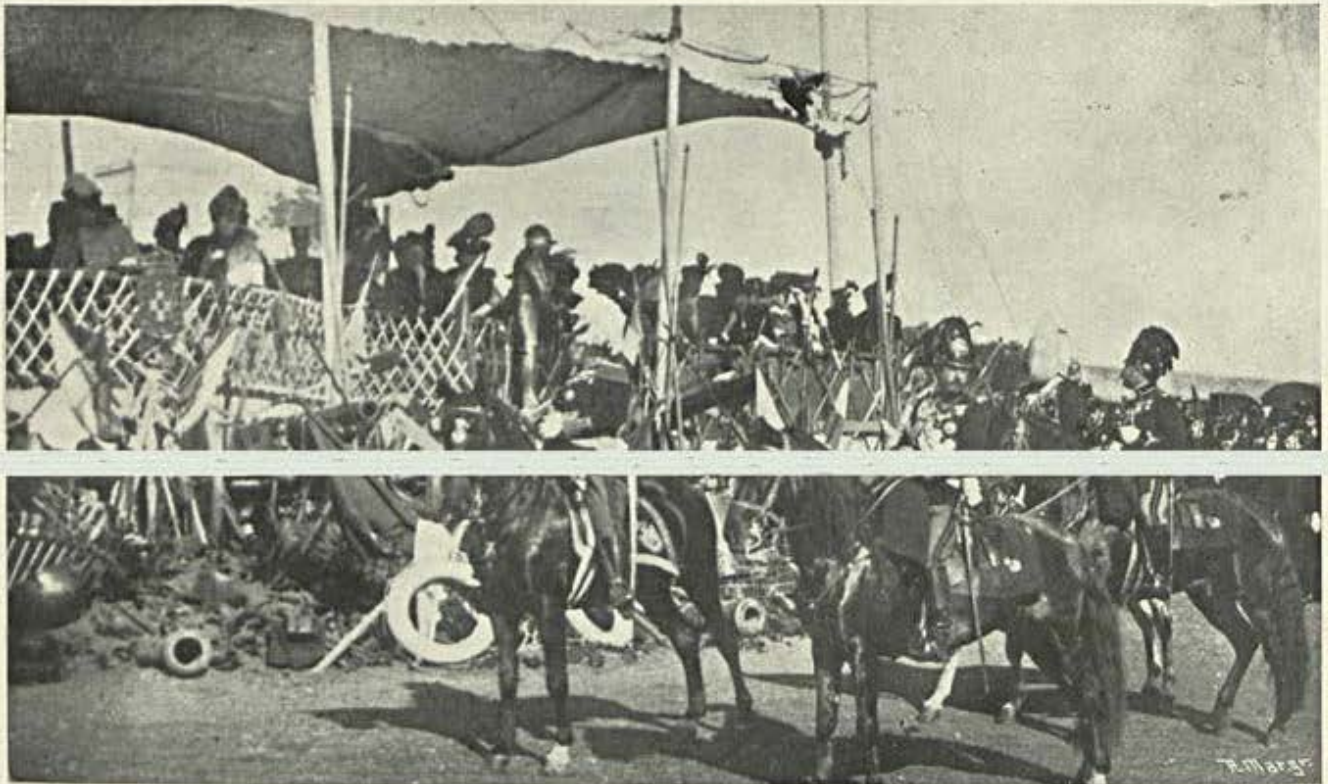
XX

«Consummatum est!» Salvo o devido respeito, compara-se Nosso Senhor Jesus Christo com a Imprensa. A camara dos deputados approva por grande maioria a lei da imprensa. A mesma camara, por unanimidade, presta a mais rasgada homenagem ao grande liberal bispo de Vizeu e ao formidavel jornalista Rodrigues Sampaio. Vão lá entendel-os! Ninguém é o que parece, n'esta terra de laranjas. Opinião do Gira das «Favas contadas». — O «Amor de Perdição» nova opera do sr. Arroyo. Tenciona-se ouvir o famoso «spartito» e mettem-se empenhos por um bilhete. Variações de rabeca sobre motivos dados por uma empreza que não quer saber de desgraças.

Consummatum est!

Segundo a Vulgata Latina (S. João xix, 30) foram estas as ultimas palavras de Christo, ao termo da sua horrorosa agonia, no topo do Calvario, crucificado entre dois ladrões.

Ha quem, tomando a phrase pela rama, julgue que o Divino Mestre exprimia por ella que tudo acabara, que reputava inuteis todos os seus trabalhos e soffrimentos na Terra, nos dolorosos annos que consumira na tarefa de prégar a Paz e o Amor aos ho-



Aparada militar. — Durante a missa — S. M. El-rei junto á tribuna real

extraordinaria affluencia de povo que dos pontos mais afastados, convergiu para o local da parada militar, grande brilho imprimiram á cerimonia; um luzido estado maior que acompanhou Sua Magestade El Rei, sua alteza o sr. Infante D. Affonso e o sr. ministro da guerra, e o aspecto marcial das tropas que desfilaram com um garbo e uma correcção que, apesar de serem tradiçoes entre nós, mereceram os maiores elogios do corpo diplomatico e dos mais exigentes.

Os batalhões de caçadores fizeram-se acompanhar pelas metralhadoras, e pela secção de cyclistas, que provocaram no publico manifestação d'enthusiasmo.

Nota interessante da festa militar do dia 20: sua alteza o Principe Real levou o estandarte do regimento de lanceiros 2, e o sr. Infante D. Manuel foi o porta-bandeira do corpo d'alunos da Escola Naval, tendo sido aclamados em grande parte do percurso da marcha em revista. Esta festa, verdadeiramente nacional, deverá repetir-se nos annos seguintes, visto que se manifestou a tendencia, para lhe dar a devida significação patriótica que em toda a parte a caracteriza.

JOÃO SANTOS.

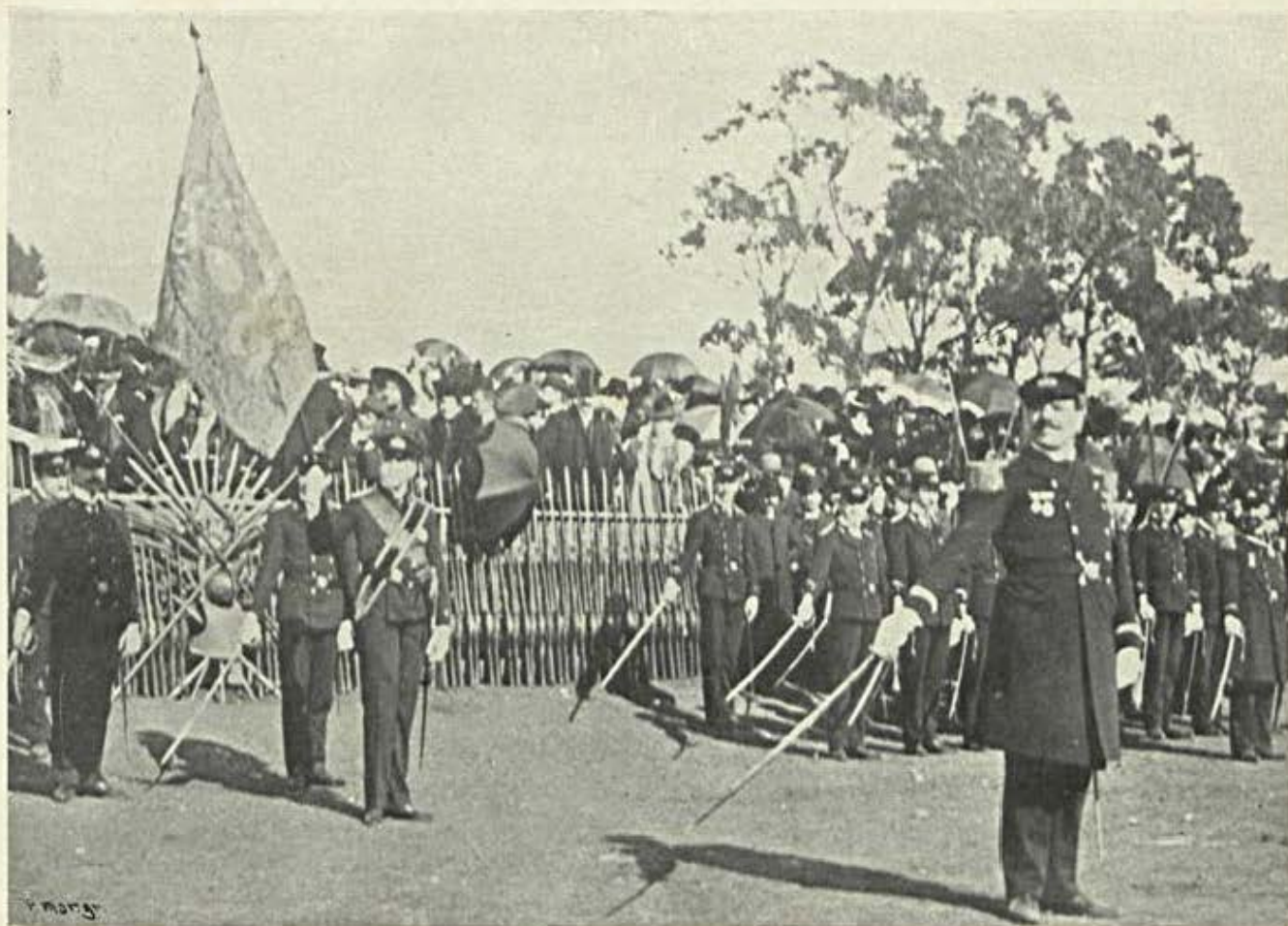
mens. Mas não. O Martyr sublime desprendia-se da vida terrena conscio de que a sua obra fructificaria. Essas palavras, longe de significarem desanimo pela improficuidade da propaganda de Jesus, correspondiam sem duvida ao convencimento arreigado no espirito do filho de Maria de que a sua doutrina havia de reger o mundo. Não acabava tudo, porque tudo ia começar. O que terminava era o trabalho do Pensador, do Justo. Era o homem que desaparecia e não a doutrina. Esta ficava, como clarão eterno, illuminando e aquecendo as almas, transidas de pavor na treva do paganismo...

A que vem este exordio? perguntará o leitor amigo habituado á desenfastiada prosa d'esta secção.

Veiu, meu caro senhor, a proposito da lei de imprensa, approvada.

Como o Salvador, a Imprensa foi crucificada, não entre dois ladrões, mas entre um esbirro da Boa Hora e um policia, que não figuravam como victimas do martyrio, mas como simples elementos decorativos. Como Jesus, pode ella dizer — *consummatum est!* — sem esperar pela esponja embebida em fel que a camara dos dignos pares não deixará de lhe espremer nos labios resequidos, n'um ultimo requinte de crueldade. E' de arripiar!

Mas, como no caso de Christo, o *consummatum est* não significará



A parada militar. — Aspirantes de marinha. — S. Alleza o Infante D. Manuel

que a imprensa, no ultimo dos desanimos, julgue perdida a sua causa. Não.

Não se estrangula uma instituição que representa a mais nobre aspiração e afirmação da consciencia collectiva como se torce o gasnete a um cão traçoeiro que se nos atira. De mais o sabe a imprensa, que *agora* começa a ter a consciencia da sua força. Ou não? Mas a lei ha-de desaparecer, mais tarde ou mais cedo, e a imprensa ha-de ficar.

E não falemos mais n'isto, que o futuro a Deus pertence — e Deus é pae de Misericordia!

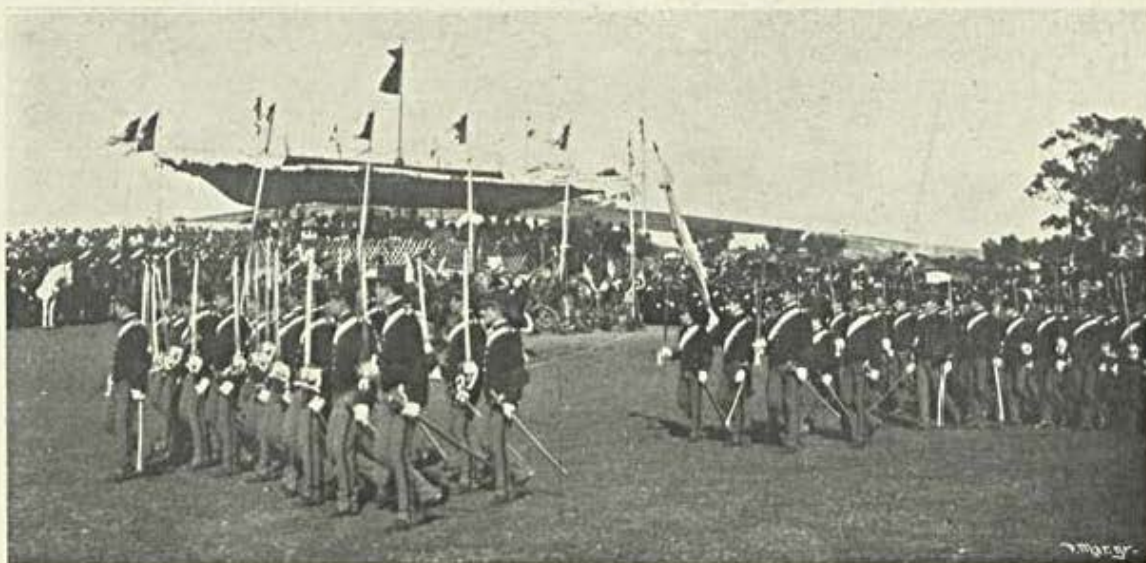
Volvidos dois dias sobre o acto da aprovação da lei rolheira, que fizeram os senhores deputados da Nação portugueza? Nem mais

nem menos que isto: exerceram publica e unanimemente o culto da Liberdade, prestando homenagem a um dos seus mais fervorosos apóstolos: D. Antonio Alves Martins. Tratava-se de auctorisar o governo a fornecer o bronze necessario para o monumento que Vizeu vae erigir, perpetuando a memoria do seu bispo, o honrado e venerando estadista a quem Bordallo arranhou a divisa *Liberdade e Marmeleiro*.

A proposta foi votada unanimemente, pronunciando os *leaders* de todas as parcialidades politicas discursos inflammados de homenagem á memoria do grande liberal. E a pobre Liberdade veiu á balha para ouvir fervorosos protestos do amor mais fermentado que tem enganado mulher de carne e osso desde que o mundo é mundo.

Vão lá entendel-os!

Dias antes prestavam igual homenagem a Antonio Rodrigues Sampaio, o velho Sampaio da *Revolução* e do *Espectro*, o mais temivel pamphletario da imprensa portugueza! Mais discursos, mais



A parada militar. — Desfile em continencia

arroubos de amor pela Liberdade, com sua contumelia a um jornalista... que o foi.

Para se ser bem tratado, no nosso paiz, necessario é ter um grande desprendimento pelas coisas terrenas, e deixar-se ir a gente para o outro mundo.

Este caso de interromper a discussão de um projecto de lei elaborado com o intuito de amordaçar a imprensa para prestar home-

lho — o legitimo orgulho de quem conta entre os seus um tão fino espirito, um talento de tal maleabilidade que nos campos mais oppostos se manifesta superiorissimamente, já versando as aridas questões da administração publica, já bordando de musica um poema sentimental.

Mas, dizia eu, *tencionamos* ir a S. Carlos — e dizia bem. Porque nenhum de nós — os desgraçados que não teem assignatura no theatro lyrico por não a poderem fazer — pode permittir-se o luxo de dizer: vou a S. Carlos ouvir a opera do Arroyo.

Isso sim! O theatro está repleto com a assignatura. O que está por assignar e fica á disposição de muitos milhares de creaturas de Deus que ainda teem a veicidade de se julgar com direito á vida, é o acanhadissimo *gallinheiro*, e esse mesmo muito cerceado, visto que ultimamente o governo permittiu ao empresario a construcção de mais torrinhãs no espaço desde tempos remotos destinado aos pobres que só dispõem de uma triste meia corôa.

O theatro de S. Carlos, que pertence ao Estado e que por isso mesmo devia ser logradouro publico, é apenas estabelecimento explorado por alguém que não quer saber de desgraças, e empôcha annualmente algumas dezenas de contos de réis á sombra do *snobismo* d'uns e da condemnavel tolerancia d'outros.

Ha muito que magicamos na forma de obter um bilhete — pago, é claro — para recita do *Amor de Perdição*. Ainda não achamos. E n'estas circumstancias recorremos á benevolencia nunca desmentida do sr. Arroyo. Aqui fica a nossa supplica. Nós estamos promptos a pagar ao homem, se elle não fór muito usurario. Mas

ao menos queremos ter a certeza de ouvir a opera.

No caso de ser necessaria a intervenção das potencias, pedimos o favor de nos avisarem com tempo. Facilmente conseguiremos a mobilisação de uma poderosa esquadra para tal fim. Com muita mais facilidade do que conseguiríamos a compra do bilhete ao *guichet* da empreza, se ella tivesse tempo para se lembrar de que ha arraia miuda e que todos somos eguaes.

Gala-te boca! Foi por prégar a egualdade entre os homens que Nosso Senhor Jesus Christo morreó as mãos dos judeus...

CAMARA LIMA.

Só ha uma felicidade, o dever.



A parada militar. — S. Magestade a Rainha D. Amelia

nagem ao formidavel jornalista que excedeu na violencia do ataque todos os que entre nós se destacam na imprensa radical — é unico.

Vivemos n'um regimen de anomalia, positivamente. Ninguem é o que parece, ninguem parece o que é. Os mais reaccionarios mascaram-se n'um dado momento de liberaes e vice-versa. Bem diz o «Giras das Fadas Contadas referindo-se á «gente trocada» que tem visto em Lisboa:

*Tenho visto Cordeiros de nome
Que de genio são mesmo uns leões,
E Venturas morrem de fome,
Sempre, sempre da sorte baldies.*

*Donas Brancas conheço trigueiras,
Donas Claras também d'esta cor,
E Modestas que são, nas maneiras,
Immodestas que é mesmo um horror!*

*Homens baixos, chamados Pinheiros,
Homens fracos chamados Valentos,
E Leões que são mais traçoceiros
Que os cachorros que escondem os dentes.*

*Mas o que eu acho mal permittido
O que feito dar sorte me tem,
É ver typos com Franco no appellido
Que não dão cruce réis a ninguem!*

... Nem cinco réis, nem nada. Promessas, promessas, vá, que já é estar em maré de generosidade!

Será cantado brevemente em S. Carlos a opera do sr. João Arroyo: *Amor de Perdição*. E este, com certeza, o grande acontecimento artistico e theatral da temporada. Podemos assim assegurar áquelles que ignorem que os talentos de musico do sr. João Arroyo ficam áquem dos seus provadissimos talentos de parlamentar.

A representação da opera constituirá acontecimento notabilissimo não ha duvida, já pelo merito proprio da obra, já pelas circumstancias que concorrem no seu auctor.

Podem correr esse mundo de Christo que não encontrarão outro maestro compositor com assento nas camaras altas e tres vezes ministro. Nem com um prego acceso! O caso é virgem, ainda ha dias m'o affirmou um illustre musico.

É claro que esta circumstancia duplica a curiosidade publica e que todos nós desejamos ouvir o famoso *spartito* inspirado na mais commovedora novella da litteratura patria. N'este campo o sr. Arroyo não tem adversarios, pode crer. A uma, todos tencionamos ir a S. Carlos ouvir-lhe a opera e applaudil-o com entusiasmo e orgu-



A parada militar. — S. Magestade a Rainha D. Maria Pia

Só ha uma consolação, o trabalho.

Só ha um gozo, o bello.

A vida é uma arte em que se não costuma passar de curioso ou amador; para se chegar a mestre é preciso verter o coração.

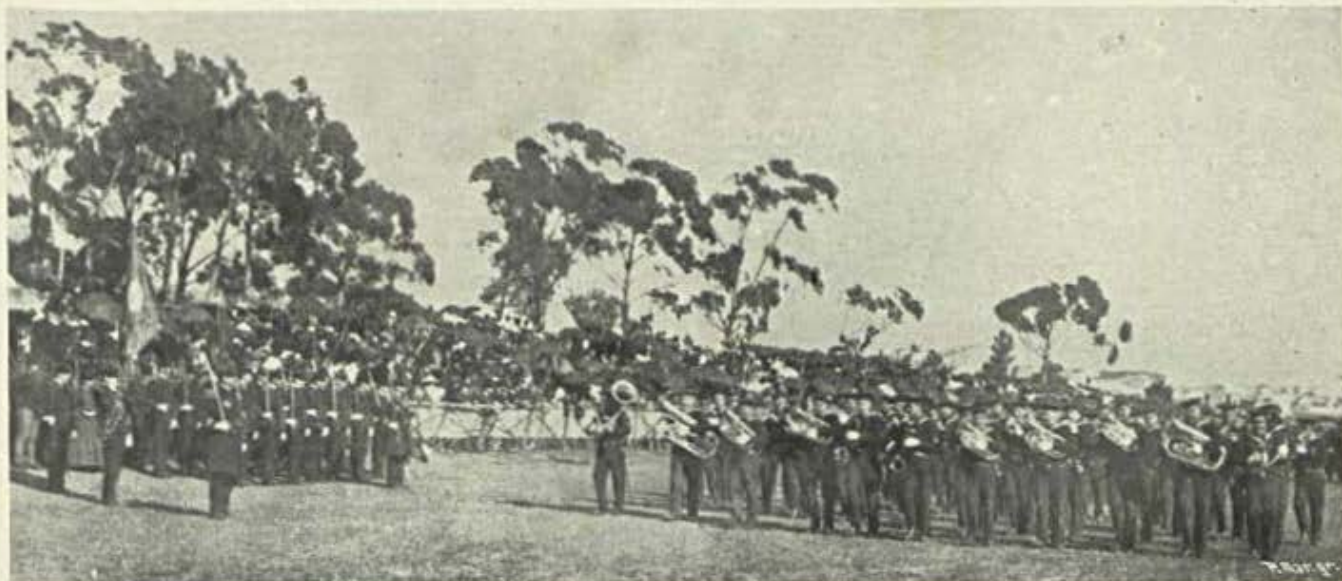
A pureza é como a opala; não fazeu caso d'ella os que não distinguem o seu resplendor.

RAINHA DA ROMANIA.

Politica internacional

Continúa a agravar-se o conflicto entre a Santa Sé e o governo da republica, ou para melhor dizer entre este e os bispos francezes, visto que todas as relações cessáram, quer officiaes quer officiosas, entre o Vaticano e o Quai d'Orsay, não sendo possível n'estas condições um conflicto qualquer. No entretanto se diplomaticamente e perante o direito internacional isto assim é, na realidade a lucta que vae travada

distas francezes iriam a Canossa implorar o perdão das velleidades, que haviam tido de se emanciparem da tutela do Vaticano. Mais uma vez se enganaram, porisso que a separação foi votada por grande maioria em ambas as camaras. Nova illusão veio por algum tempo fazer acreditar a Pio X, que embora votada a separação não se effectuaria, logo que Roma ameaçasse desencadear a guerra religiosa, prologo infallivel da queda da Republica. E' o que explica a ordem transmittida de Roma aos bispos francezes de não aceitarem o regimen da separação. O sr. Clemenceau, porém, e o sr. Briand não se intimidaram com este estratagemas. O clero não aceitava o regimen estabelecido na lei da separação, embora este regimen representasse um privilegio e portanto um favor, pois n'esse caso teriam o regimen do direito commum, ao qual são obri-



A parada militar. — A marcha em continencia
Desfile da charanga de marinheiros. Ao fundo alumnos da Escola Naval com o Infante D. Manuel porta-estandarte

em França fere-se entre o ministerio a e maioria que o appoia, e é a Curia romana que por detraz dos bispos os está instigando á desobediencia ás leis do paiz e á revolta contra a vontade da nação.

Vê-se bem que o pápa e os seus conselheiros perderam a cabeça, porque cada novo passo que dão no caminho tão malfadadamente por elles encetado, mais os compromette e mais critica lhes

gados a submeter-se todos os cidadãos. Esta deliberação do gabinete acabou de desnortear o pápa e os responsaveis pela attitude intransigente que elle assumiu para com a França.

Nem o governo da republica se submete, nem está disposto a entrar no caminho das perseguições, ultima esperança que alimentavam em Roma para justificar o recurso á guerra santa.

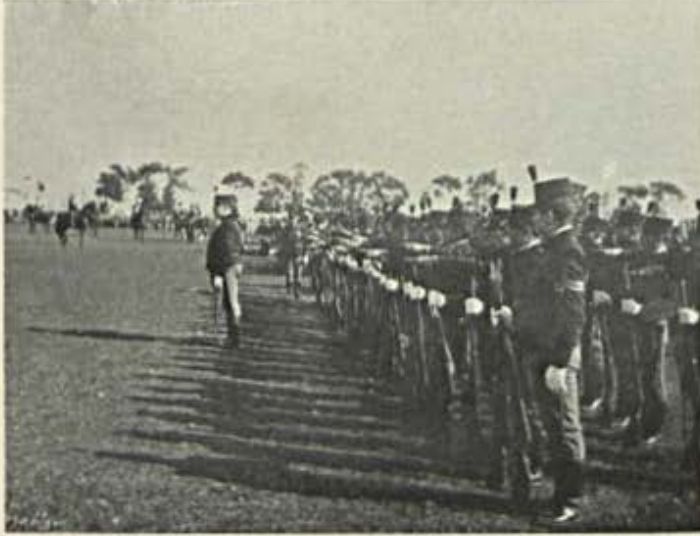


A parada militar. — O desfile em continencia, — a marcha das companhias de metralhadoras do batalhão de caçadores 2

torna a situação. De principio julgaram que a republica não denunciaria a concordata, e que o conflicto aberto entre Roma e Paris terminaria por um *modus vivendi*, que equivaleria a uma submissão de facto do ministerio francez. Enganaram-se, porque a concordata foi denunciada. Depois imaginaram que, apesar d'esta renuncia, nunca a separação se effectuaria, e esperaram ainda que os esta-

O sr. Clemenceau contenta-se em applicar aos rebeldes as disposições do direito commum. E' perante esta resolução firme mas prudente do chefe do governo francez, que Pio X e o seu *latere* Merry del Val decidem lançar um appello ao clero universal, para correr em auxilio da Igreja ameaçada e da religião offendida pelo governo da que outr'ora foi a christianissima França.

O que vai resultar de tudo isto? A resposta não é difícil quanto à solução final da contenda, embora possam surgir episódios inesperados. A separação ha-de ultimar-se; é esta a vontade da França. Ainda que o governo quizesse submeter-se, não lh'o consentiria a maioria, que actualmente o apoia e que o derrubaria á mais leve hesitação. Em vez de a camara impellir o governo a reconsiderar, é a parte mais avançada da esquerda que pelo contrario entende



A parada militar. — A ratificação do juramento dos recrutas. Os recrutas de caçadores 2 jurando

que o sr. Briand tem sido demasiadamente conciliador na applicação da lei. Pelo menos assim o dão a entender as duas entrevistas com sr. Combes publicadas por um jornal austriaco.

O governo francez não póde, pois, recuar. E se alguma cousa ha a esperar é a applicação mais severa da lei da separação.

Por outro lado, e por mais que o Vaticano para isso se esforce, não haverá guerra religiosa. Essas explosões de fanatismo já não são do nosso tempo. Os interesses da sociedade, sem excluir mesmo os circulos catholicos, são outros, e ninguém, a não ser talvez o pápa e o seu principal conselheiro, acredita a serio na possibilidade de provocar uma nova vendéa. Demais ainda que semelhante movimento fosse actualmente realisavel, o governo com grande habili-

zes com a mesma facilidade com que o seu predecessor venceu o principe de Bismarck na celebre lucta do *Kulturkampf*, e em segundo logar suppôr que dado o conflicto entre a Curia romana e o governo de Paris, a opinião publica do mundo catholico lhe daria a indispensavel força moral para poder triumphar.

O paralelo entre a actual lucta com a França e a lucta de ha annos com a Allemanha, foi mal estabelecido pelo pápa.

Bismarck teve de submeter-se a Leão XIII, porque necessitava do apoio do centro catholico para fazer approvar as leis militares de que carecia. Se não tivesse feito as pazes com a Santa Sé não poderia ter maioria no Reichstag e ver-se hia obrigado ou a resignar o posto de chanceler ou a renunciar ao seus planos de governo. Ora em França succede exactamente o contrario. Ainda que o actual ministerio quizesse reconsiderar no conflicto em que está empenhado, a maioria não lh'o consentia porque o derrubava n'um momento. De modo que para o sr. Clemenceau ter maioria tem precisamente de fazer o contrario do que fez Bismarck. Pio X não previo esta differença substancial entre as duas situações e d'ahi o seu primeiro erro.

O segundo não foi para o seu prestigio pessoal e para o destino da Egreja menos grave.

O mundo catholico tem hoje outros interesses além dos da religião. Além de que o antigo fervor da fé vai cada dia esfriando mais graças aos incessantes progressos das sciencias, das artes e das industrias, naturaes valvulas de segurança e efficazes antidotos contra as explosões do fanatismo.

Os catholicos da Europa e da America hão-de por certo lamentar a situação em que vai encontrar-se a egreja de França privada dos auxilios materiaes, que lhe provinham da sua união com o estado. Mas não darão um passo para acudir a semelhante situação, filha unicamente da teimosia de um pápa pouco illustrado e de um cardeal, que é uma anomalia em pleno seculo xx.

Quer dizer em vez de ser o governo francez que tem de se render, é a Egreja quem se ha-de submeter por falta de meios de combate. E tudo isto porque o conclave, que devia dar um successor a Leão XIII, escolheu em vez do habilissimo cardeal Rampolla o mediocre patriarcha de Veneza, muito competente sem duvida para administrar a sua diocese, mas de todo o ponto inferior á alta missão de governar o orbe catholico...

La comedia é finita. Só com estas palavras paraphraseadas da conhecida opera de Leoncavallo se póde abrir a chronica da nova crise hespanhoa. A comedia está, com effeito, acabada e já não ha necessidade de ter por mais tempo a mascara afevellada.

O partido liberal hespanhol, dividido pela ambição dos seus principaes chefes, acaba de ser arredado definitivamente do poder pela intriga palaciana, que contra elle de ha muito se estava urdindo. Foi chamado finalmente ao poder o sr. Maura, triumphando assim o plano da reacção, que para todos era evidente menos para aquelles que iam ser victimas d'elle. O que custa a acreditar é que um homem cheio de serviços e de annos, como o marquez de la Vega d'Armijo, se [prestasse a ser comparsa na ridicula comedia dos



A parada militar. — A retirada. — El-rei e o Estado Maior

dade e prudencia tirou lhe todo o pretexto, não entrando no caminho das perseguições nem das violencias escusadas, a que Roma o está incitando com uma insistencia, que chega a ser pueril.

De modo que não sendo possivel a reconsideração por parte do governo, nem a guerra religiosa por parte dos fieis, só resta ao Vaticano submeter-se por falta de elementos de combate.

O que representará, porém, para a Egreja a submissão n'esta altura do conflicto? Evidentemente um golpe no seu prestigio, de que não poderá mais restabelecer-se. O duplo erro de Pio X foi em primeiro logar imaginar, que poderia vencer os ministros france-

zes cinco governos liberaes. Essa comedia ensaiada por Maura para desacreditar o liberalismo e preparar habilmente o seu advento era tão transparente, que não podia illudir ninguém... E no entretanto enganou successivamente Montero Rios, Moret duas vezes, Lopes Domingues e Vega d'Armijo. Todos estes *prohombres* do liberalismo accetaram o poder com a condicção de não poderem dissolver a camara, por virtude do respeito que Affonso XIII professava pela representação nacional. E todos elles se encarregaram de formar ministerio com esta espada de Damocles suspensa sobre elles! O resultado não era difficil de prevêr.

Deve ser curioso apenas saber como Affonso XIII vai conciliar agora esse amor á camara dos deputados com a dissolução que Maura lhe arrancará... porque já lhe está promettida.

O que é indubitavel é que a chamada em Hespanha dos conser-

valdores ao poder na presente conjuntura, quando a questão religiosa ali está tão accessa, representa um acto de extrema gravidade cujas consequências não é facil desde já prevêr. E' um salto do desconhecido, que pôde ser o golpe de misericórdia dado nas actuaes instituições mesmo sem esta aventura tão combalidas. Veremos como o paiz responde á provocação, que acaba de lhe ser feita.

CONSIGLIERI PEDROSO.

Solidarismo

Por maior que seja a cegueira propositada ou sincera de alguns ignorantes ou interessados na manutenção do "statu quo", romantico das sciencias economicas, não resta duvida que no movimento economico contemporaneo, cinco escolas estão assentes e caracterizadas: a velha escola liberal, da cadaça e insciente formula: "laissez faire, laissez passer,"; a escola socialista, com todas as suas seitas indo do collectivismo ao anarchismo; o socialismo do Estado, desdenhando das leis



A parada militar. — Assistindo á festa

naturaes e dando primacia importancia ás leis positivas emanadas do legislador; o christianismo social, catholico e protestante; finalmente o solidarismo, escola recente mas de marcha galopante, que percorre já o mundo todo, creando proselitos, apóstolos e, o que é mais, obras attestadoras da veracidade do seu modo de encarar a vida do homem em sociedade.

Tem por divisa a palavra: "Solidariedade, e no facto que ella exprime, isto é, na dependencia mutua dos homens, encontra não só a maior lei economica como a maior lei moral.

O principio da "lucta pela vida, da escola liberal é substituida por outra: "união para a vida, que é o da cooperação entre interesses oppostos.

Aos individualistas que a accusam de apoucar o "self help, desenvolvendo a dependencia mutua, responde pela penna de Charles Gide, que a individualidade afirma-se e desenvolve-se tanto ajudando o proximo como ajudando-se a si mesmo

"Pour se donner il faut s'appartenir, disse Vinet.

Os meios para que appella a escola socialista com o fim de transformar o homem e o meio social: a revolução e a expropriação, repudia-os. Pela associação livre e não forçada, característica do collectivismo, pretende alcançar os seus fins com o auxilio do Estado a cuja intervenção não é hostil dentro de certos limites.

A nova escola economica que junta e congrega em torno a si adherentes vindos das mais differentes origens doutrinarias, desde os sacerdotes Kingsly e Maurice até ao biologista Metchnikoff, desde Carlyle, Ruskin e Tolstoi até ao sr. Léon Bourgeois e ao sr. Emile Loubet, a nova escola que sahe dos dominios abstractos das theorias e das theses para entrar no campo pratico dos factos e das obras, teve em França ha pouco tempo uma consagração brilhantissima na esplendida festa organizada pela "Federação Nacional de Mutualidade, que o chefe do Estado inaugurou rodeado pelos mais altos vultos politicos e scientificos da grande nação latina.

O anterior presidente da republica, que foi um dos primeiros propagandistas praticos do mutualismo no seu paiz e a quem denominam "o primeiro mutualista da França, não só por aquelle facto mas pela elevada posição que occupa, titulo que elle considera uma honra e uma razão de orgulho e que lembra sempre que se lhe apresenta ensejo, presidindo áquella festa disse que em nome

do paiz, do governo e dos membros do parlamento que o rodeavam, endereçava aos directores do movimento os mais profundos e os mais sinceros agradecimentos pelos mutualistas e pela mutualidade com que dotaram a França. E accrescentava mais adiante: "Vinte annos, cincoenta annos contam pouco na vida d'uma nação. E vêde o que haveis feito! Ha menos de um seculo nasceu a mutualidade; ha menos de seis annos está livre: e comtudo vós tendes já 420 milhões de patrimonio, 4 milhões de membros participantes, servis já 120.000 pensões aos socios velhos ou enfermos. Cada anno vós recrutaes perto de 600.000 adherentes novos só pela acção de palavra e do exemplo, sem nenhuma obrigação nem constrangimento."

Depois de rememorar como o mutualismo adopta a creança quando entra para a escola e como a não larga mais atravez a vida seja ella qual for, mesmo quando o adolescente serve a patria como soldado, o chefe da nação exprime a sua pena e a do ministro da guerra por não terem podido proporcionar, depois das manobras, aos officiaes do exercito dos Alpes, uma conferencia mutualista de um dos apóstolos do movimento associativo, mas congratula-se pelo exito que a propaganda tem alcançado nos regimentos de Paris, de Vincennes, de Versailles.

Refere-se depois ao mutualismo agrario e declara que os lavradores francezes entraram largamente na corrente mutualista; as associações mutuas contra a mortalidade do gado tem tomado n'estes ultimos tempos um desenvolvimento extraordinario: o numero de membros associados passou em sete annos de 118.000 a 263.000, e do capital seguro de 89 milhões a 250 milhões, o numero de sociedades, finalmente, de 1.400 a 4.800.

"E' que a necessidade e o beneficio da associação e da mutualidade penetram cada dia mais nos nossos costumes."

E o primeiro magistrado d'aquella grande nação chega ao que no nosso meio escasso chamarão cumulo de estranhar e condemnar, apezar dos largos subsidios concedidos pelo Estado, que os departamentos e as communas subsidiem apenas com 1 milhão de francos a instituição da mutualidade "que é a primeira do paiz, (declara o officialmente o chefe do Estado) isto é, com muito menos que os membros honorarios, que dão annualmente 3.500.000 francos!

"Mas o poder moral que exercéis no paiz é o que eu mais desejo louvar. Vós preencheis eminentemente um dever social e realisaes a fraternidade democratica. Em todas as vossas sociedades grandes ou pequenas, pobres ou ricas, vêem-se privilegiados da vida e da fortuna dar o seu tempo, os seus cuidados e o seu auxilio pecuniario aos concidadãos menos felizes, unirem-se e misturarem-se com elles n'uma collaboração affectuosa e intima: e não ha espectáculo mais reconfortante. Praticando esta solidariedade, fazeis obra de paz social e honraes a França."

Que de ensinamentos em tão breve e bello discurso, despido de galas rhetoricas, mas bem provido de factos, de numeros, de idéas saudaveis e praticas!

Não precisa de commentarios para marcar os pontos de contraste violento e doloroso com o que se passa entre nós. Basta apontal-o como eu o fiz.

Desde o nosso chefe supremo ao cidadão mais modesto, todos n'elle temem que aprender e muito, pois que n'esta vida publica que vivemos andámos alhelados da vida moderna, real, verdadeira dos povos, da orientação contemporanea dos espiritos e dos acontecimentos.

Fairamos n'um ambiente antigão de illusão e de comedia em que



A parada militar. — Nos palanques

uns aos outros nos enganámos constante e conscientemente, o que é facto sobremodo estranho e digno do estudo dos investigadores de phenomenos collectivos de teratologia psychologica.

D. LUIZ DE CASTRO.

Homenagem a Illydio Amado

A Tuna Academica de Lisboa prestou uma homenagem sentida ao fundador da primeira tuna de estudantes, o desditoso e chorado Illydio Amado, um coração de ouro, e um artista de raça.

Foi no Conservatorio, em 22 de janeiro, que se reuniram todos os tunos, amigos e companheiros do infeliz moço Pronunciaram-se discursos sentidos, ouvidos religiosamente com lagrimas nos olhos, e, ao terminar a sessão, organisou-se o cortejo que seguiu para o cemiterio dos Prazeres, pela travessa dos Inglezinhos, ruas da Rosa e D. Pedro V, praça do Principe Real, Escola Polytechnica, Rato, ruas do Sol, Ferreira Borges e Saraiva de Carvalho.

Do cortejo imponente colheu o *Brasil-Portugal* quatro aspectos, que insere, associando-se assim, na falta de flores levadas ao tumulto de Illydio Amado, á manifestação de saudade dos estudantes.



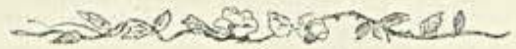
7/19

Homenagem a Illydio Amado

Conselheiro Silva Amado e sua familia

Mencionamos tres nomes de entre os que mais concorreram para a solemnidade:

Tovar de Lemos, presidente da Tuna — Antonio Joyer presidente da commissão organisadora — e Wenceslau Pinto, regente da tuna, e que expressamente escreveu para o acto uma inspirada marcha fúnebre — *Saudade*.



O café Suizzo

Para traçar os capitulos da sua historia não é necessario irmos com a luz bruxuleante da imaginação á noite dos tempos procurar origens fabulosas, a clava de Hercules que a velha Heraldica trouxe para os braços nada tem a fazer aqui; até o remontar aos phenicios, que já chega a parecer de modesto proposito e expediente bem sabido para livrar de maiores apuros, se dispensa para o caso.

Pelo anno de 1848 abriu ao publico as suas portas o café Suizzo, para que os frequentadores do theatro de D. Maria alli se podessem preparar devidamente para aguentarem os pesados dramaticos da moda. Não vou dar por bem assente que fosse em janeiro, ou dezembro, o auspicioso inicio, ignorancia, que já não teria a estas horas, se me tivesse sido possivel a consulta prévia do meu presado amigo Pinto de Carvalho, o illustre Tinop, o qual, se nem sempre está resolvido a relatar nos seus escriptos tudo o que sabe, nunca deixou de bem saber o que diz.

Correram bem accidentados os primeiros periodos de existencia d'esse café, que o bom do Mengo, de nacionalidade suissa, ia dirigindo no seu traje habitual — em mangas de camisa — costume este, que o succesor manteve, conciliando asssim de uma feita os impulsos da educação e os do coração.

De dia a casa estava quasi ás moscas, os creados ateitos ás grandes noitacas levantavam se tarde, o que aliás nunca se reconheceu como inconveniente. Era á noite, á luz vacillante do gaz d'esse tempo, que o café se apresentava em toda a sua galhardia, a dois passos do Passeio Publico escuro, fechado e mudo como um cemiterio e a pouca distancia tambem do restaurante da moda, o Penim, que ro delirio da pescada com batatas, servida aos freguezes, em que se contaram litteratos de polpa, ia consolidando creditos e ganhando cobres, digno émulo da celebre taberna inglesa, do Caes do Sodrê, onde campeava o bife, tambem com batatas — e é de notar que d'esta excessiva applicação culinaria d'aquelle producto agricola, n'esse e nos subsequentes tempos, proveio muitas vezes a escacez sentida, quando era mister tratar condignamente varios forjadôres de projectos de lei — até as afamadas iscas, como é publico e notorio, com ellas subiam de preço.

Não eram na epoca, a que me estou referindo, as ruas da mal



7/19

Homenagem a Illydio Amado — A tuna

illuminada e da mal policiada cidade propicia para passeios nocturnos; a maioria dos habitantes deitava-se cedo e quando não ia logo para a cama resava o terço ou entretinha-se em família a jogar a bisca; uzeiros e vezeiros n'essas excursões só os que á vida airada se entregavam e n'esta havia dois grandes grupos de bohemios; os estudantes das diversas escolas, sobretudo em vespuras de feriado e os marialvas, assim se denominava uma indistincta amalgama de cocheiros, fadistas e de toda a mais escumalha vadia, na qual entravam rapazes de algumas familias distinctas, que nunca tiveram tempo nem feitiço para revelarem distincção alguma, tanto, ou mais ignorantes, do que as proprias azemolas em que montavam.

Entre estas duas classes de noctivagos, desejosos de obterem o campo livre, devia dar-se mais tarde, ou mais cedo, a collisão, e o antigo Circo Price foi por varias vezes com as suas cadeiras partidas, as caras dos espectadores quebradas, theatro de luctas acerrimas. O Suisso era o campo de concentração dos estudantes e lá se planeavam com a antecedencia precisa todas as tolices. Pela meia noite um, ou outro, que por fatigado desejava recolher a pates, desistindo de contemplar a estrella de alva, se na algibeira

tretinha a ensinar qualquer de nós, tinhamos nos hombros um capote certo. Eu não sei o que era melhor: se vê-lo jogar levando o parceiro de jogo forçado a uma situação desesperada e prevista com antecedencia de lances; se ouvi-o no parlamento onde a sua argumentação cerrada dernorteava os adversarios.

Brito Limpo entre um salto de cavallo e uma corrida de bispo, fallava-nos na triangulação geodesica e das questões sobre a forma da terra, quando lhe não dava para accentuar com o tudo nada de gaguez que lhe era peculiar, os seus numerosos chistes. Motta Pegado andava estudando um não sei que de movimento de piões. Mascarenhas pensava tanto antes de fazer o minimo jôgo, que bem desconfiados nos trouxe, de que andava tratando de uma formula para o cheque-mate. Thomaz Malheiro entretinha-se nas horas vagas com a sua paciencia favorita: a solução de Euler, fazendo per, correr um cavallo todo o taboleiro, a partir de uma casa qualquer sem passar duas vezes pela mesma.

Enkistada n'aquelle meio vivia em plena liberdade e independencia a *colônia Kspanhola*, jogando o dominó, do qual as pedras não raro serviam de projecteis, mas isto e toda a demais berraria ficava sempre em familia, sem intervenções nem complicações externas.



Homenagem a Illydio Amado — A caminho do cemiterio dos Prazeres

sentia o mesmo frio que no estomago, alli aranjava o seu pataco para uma canja, obtida sempre n'outra casa, porque n'aquella além das classicas torradas só bebidas havia.

A Kennebel e tantas outras figurantes de circo, que mais ou menos pretexto deram para se fazer no Price tanta lenha, onde existirão a estas horas, se ainda hoje vivem? Como os vinte annos tam arden-lo na doce despreocupação do tempo que veloz fugia, arrebatando nos a mocidade, que não mais havia de voltar!

Esses é que foram os grandes tempos do Suisso, não pelo que respeita a rendimento — coitado do dono? — mas pela fama por ahí além de que justamente usufruiu. Pelo estendal do cavaco deslisava'n em infundo rosario partidas de escola, ou de caserna; toda a intriguinha da baixa alli se desenrolava em delicioso aperitivo para disfructo e jogava-se, jogava-se sempre, immenso, sem intervenção do vil metal, as damas, o dominó e o xadrez. Ninguem se podia iniciar nos mysterios da casa sem conhecer o cheque-pastor, a judia, a forçada, etc. O velho Salles incitava os rapazes: jôgo forte para o meio do taboleiro! O marroquino gosava de uma incontestada supremacia nas damas; Saraiva de Carvalho com a sua grande perspicacia quasi o igualava e, quando por desfastio se en-

Lá dentro, prudentemente retirado, possuindo um sophá coevo do celebre canapé de Bocage, era o gabinete dos velhos, para lá se encaminhava todas as noites e de tempos a tempos aprumado com o seu képi e dolman de general, o Finto Carneiro. Fallava-se alli dos Passos, dos Cabraes, da Maria da Ponte e ao ouvil os parecianos que ia estalar uma bernarda.

O fundadôr pouco se gosou da sua obra, cedeu magnanimamente o café ao seu creado, o qual soube dirigi-lo, tomando para creados o Leonardo e o Antonio, o celebre Toninho, que dava os seus ares de palhaço, e quando viu approximar-se-lhe a ultima hora retirou-se para a pequena sobre-loja, que no interior do café existia e disse-lhes que fôsem pôr a casa em nome d'elles, o que nos vieram contar de lagrimas nos olhos. Todos nós, os freguezes antigos, por quem mandou chamar, lá lhe fomos dar n'um commovente aperto de mão o ultimo adeus. Pouco depois, aquella casa de tanto bulicio, de tanta vida, fechava. Os novos patrões, que não podiam, nem sabiam, operar a transformação radical indispensavel, passaram o estabelecimento e a partir de então veio uma serie de melhoramentos, que o tornaram bem differente do que era. O *parquet* do sobrado, rebaixado para augmentar o pé direito; o augmento do

espaço disponível; substituição de toda a mobília, espelhos, candieiros, decorações, tudo em summa, que requeria um café moderno, de todo veio apagar os vestígios do que foi esse lendário Suisso.

Os rapazes estudantes já d'alli tinham desertado, antes do advento de tal progresso, para a *Brasserie* da rua do Príncipe, que a seu turno abandonaram pela Aurea e depois pelo Gélo.

Quem hoje vê a luz eléctrica arrancando scintillações a tantos espelhos mal imagina o que foi n'aquellas noites de greve dos operários do gaz, allumiado o Suisso por vélas de stearina espetadas em gargalos de garrafa, espectáculo este, uma verdadeira delicia para muitos alfacinhas, que de toda a parte vinham pressurosos disfructal-o.

Aquellas torradas loirinhas, fôfas, repassadas de manteiga, a pingarem, nunca mais! Lá se perdeu o segredo, não se sabe como, hoje não ha torradas dignas d'esse nome em parte alguma. O' manos do Mengo e de seus gloriosos successôres! Saraiva de Carvalho, entendido no genero, era um dos mais strenuos admiradôres de tal perfeição e logo que deixou de ser ministro voltou a gozar do classico acepipe, o que lhe valeu um abraço do Leonardo e a seguinte amigavel exclamação: O' Saraivinha, ha que tempos que não apparece por cá!

L. F. MARRICAS FERREIRA.

Nossa Senhora dos Agoiros

Fita-me assim calada, assim chorosa...
E deixa-me sonhar a vida inteira!

A. DE QUENTAL.

Certo dia, nem sei quando passado,
Achei-me em dolorosa romaria
Que trepava por cerro descalvado
Onde uma ermida alvissima se erguia.

Em tôrno, quanto os olhos alcançavam
Eram tudo fraguêdos, bravos montes
Por onde sombras d'azas não voavam
Nem se ouviam correr veios de fontes.

O resto, sêcca terra denegrída
A distantes cabêços ondulando
Como um nocturno mar, um mar sem vida,
Que tivesse parado, congelando;

E um despido abandono, um tom final
De mundo que esquecido já ficasse,
Tão longe... que o amor universal
Nem um delgado raio lhe mandasse!

E como se esse pêso e vista escura
De tão desguarnecida natureza
— Que dava á propria neve mais brancura,
E ás voadoras nuvens mais leveza —

Como se tal feição de serras cruas,
Como se um mundo tal de mudo horror
Ainda aivasse o frio ás almas nuas,
A's assustadas almas o temor,

Oihos postos na ermida, os da romagem,
Sedentos, alquebrados, arquejantes,
Os braços levantavam para a Imagem,
Num pranto de perdidos navegantes.

Anciosos por chegar, sem termo viam.
O carreiro trepado a pés sanguentos,
E a cada passo dado mais subiam
Os agudos e tragicos lamentos.

E' que naquella extensa romaria,
Em cauda sobre um valle agreste e fundo,
Disputavam-se os passos, á porfia,
Tudo quanto são lástimas do mundo.

E entre todos ouviam-se gemer
Aquelles que domina o sobresalto
Do mal que ainda ha de, ao certo, acontecer,
Do mal que o fado traz suspenso d'alto;

Aquelles a quem negra voz d'agoiros
— No começo da vida ou no seu termo —
Os cabellos ergueu, brancos ou loiros,
Como vista de lobo em sítio ermo...

Chegada junto á ermida finalmente,
A multidão, em fio, procurava
Uma fonte sonora e transparente
Que sob os pés da Imagem borbulhava.

Depois, tomado alento na frescura
Dessa agua onde corria graça viva,
Cada peito contou sua tortura
A' Virgem maternal e compassiva.

Das Poemas Novos.

M. DA SILVA GAYO.



Homenagem a Illydio Amado — No cemiterio dos Prazeres

Match de foot-ball

Os nossos em Madrid

Ao foot-ball, um dos sports mais aperfeiçoados em Portugal, consagra hoje esta revista uma pagina.

O interessantissimo grupo que publicamos colheu-os em flagrante a objectiva, em Madrid quando, convidados esses destemidos rapazes pelo Madrid-foot-ball-club foram mostrar no Hyppodromo da Castellana, que era justa a fama de que iam precedidos.

O Club Internacional de Lisboa a que elles pertenciam timbrava em que os portuguezes, qualquer que seja a aventura a que se arrisquem, revelam sempre o que são, e visto tratar-se d'este sport, teem dado da sua força, da sua rijeza, e da sua agilidade, provas exuberantes, em toda a parte.

Fol o que succedeu no match de 5 de janeiro, realizado em Madrid, para o qual elles foram expressamente de Lisboa.

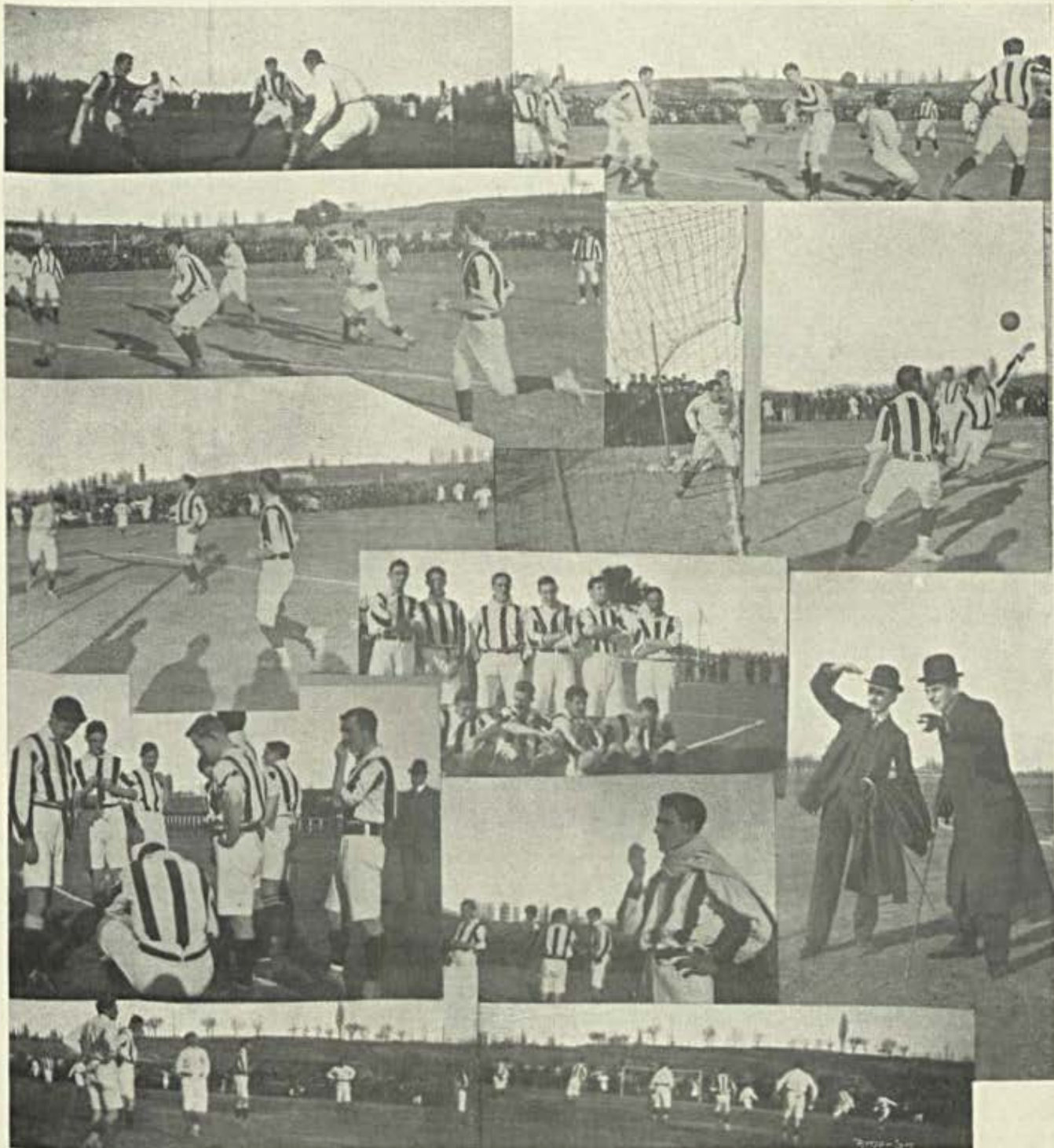
Esse match despertou o maior entusiasmo. Todo o Madrid que se interessa por estes espectaculos lá estava no vasto Hyppodromo, para seguir de perto, com entusiasmo, as phases do jogo, que teve lances magnificos. Logo ao primeiro os portuguezes fizeram um goal e os madrilenos nenhum. Applaudidos calorosamente.

Depois de breve descanso recommençou a lucta, e continua a victoria para os nossos. Segundo goal com mais brio ainda, ainda com mais elan.

Triumpho completo. A sorte estava evidentemente da parte dos nossos. Até os jornaes da especialidade de Madrid reconheceram que o team portuguez levava sobre o hespanhol de Madrid grande superioridade.

A cada victoria alcançada as palmas retumbavam e Portugal n'um match de foot-ball mostrava-se o mesmo Portugal de Montes Claros e de Aljubarota.

Talvez por se lembrarem d'isso e pelo entusiasmo despertado no spectaculo, os madrilenos applaudiram com delirio os briosos rapazes do Club Internacional de Lisboa, cujo grupo publicamos em photogravura, acompanhado de outros grupos que reproduzem as diversas phases do match São uns lindissimos ins'tantaneos.



Match de Foot-ball



Match de Foot-ball

O harakiri

Durante o feudalismo japonês, que durou até 1871 e a que deu fim completamente a brusca restauração do poder imperial, se algum cavalheiro (*daimio*) recebia uma afronta que não lhe fosse possível vingar, ou se incorria no desagrado e até mesmo em simples censura do seu chefe, não hesitava em rasgar o ventre com a própria adaga.

Essa operação ou suicídio, a que os japonezes dão o nome de *harakiri*, era uma das coisas que com grande cuidado se ensinava desde a infância aos jovens da alta nobreza, para que elles, no caso de ultrage à sua honra, jamais trepidassem em se servir d'ella e com as suas próprias mãos a executassem, cumprindo-a fielmente para gloria e manutenção da dignidade e honra do nome que usavam; ou para que servissem de testemunhas a um companheiro ou amigo em casos identicos. Isto, como entre nós a musica, a pintura, a gymnastica, a equitação, a esgrima, os exercicios athleticos, etc., fazia parte da sua educação. Vergonha e eterna vergonha áquelles que por qualquer circumstancia se não suicidassem segundo as regras da etiqueta e da decencia, ou cuja coragem faltasse deante da idéa da morte! O *harakiri* era o apanagio dos nobres e lavava áquelle que o cumprisse a vergonha da falta commetida ou a injuriosa afronta que não pudesse vingar no sangue do seu inimigo.

Era uso, depois de se ter o suicida ferido no ventre, dar-se-lhe um segundo golpe na garganta.

O *harakiri* nem sempre era voluntario. Algumas vezes era imposto a um nobre prisioneiro por um vencedor generoso que lhe offercia este meio honroso de se livrar de sua pessoa, em vez de lhe cortar a cabeça como faria a um infame vilão!

Muitas vezes tambem era a consequencia de uma condemnação e precedia a decapitação. A cerimonia da execucao effectuava-se em um templo escolhido para tal fim, ou no interior de uma residencia senhorial, se o condemnado era de alta sociedade, e ou ainda em um jardim, em um recinto de ceremonias, se o paciente era de categoria menos elevada.

Os preparativos deviam ser feitos com grande pompa e o acto exigia testemunhas experientes. Se a residencia de um senhor (*daimio*) era lugar escolhido, esse senhor não devia fazer preparar um aposento especial, pois que o *harakiri* era um acto muito nobre e muito solemne para não ser effectuado em um salão.

D'este modo, deante de seis testemunhas, no aposento em que o

paciente fosse encerrado, um official de justiça lia-lhe em voz alta e intellegivel a sentença fatal: depois perguntava-lhe se tinha alguma ultima vontade a pedir. Em caso affirmativo, trazia-se-lhe papel, penna e tinta e deixavam-no a sós. Elle mudava de roupa e levavam-no então ao logar designado para a execucao. Ahí eram collocadas esteiras, sobre as quaes o paciente se acocorava á moda japoneza, isto é, de joelhos com o corpo descansado sobre os calcanhares. Terminados que fossem estes preliminares, o dono da casa, os officiaes de justiça, os conselheiros de estado e as testemunhas tomavam logar, os primeiros armados de espada e de adaga e os ultimos de adaga somente, mas todos vestidos com trajos de gala.

Um primeiro assistente, de espada desembainhada, approximava-se por detraz do condemnado, deante de quem, a menos de um metro de distancia, um segundo assistente collocava uma adaga sobre uma bandeja. O condemnado tomava a adaga e rasgava o ventre da esquerda para a direita. N'esse momento, o primeiro assistente, com um só talho de espada, lhe cortava a cabeça, segurava-a pelo tufo de cabellos, que os japonezes de então deixavam crescer no alto da cabeça, e apresentava-a de perfil aos espec adores, primeiro virada para o lado direito e depois para o esquerdo, afim de que não houvesse duvida sobre a identidade do executado. Em seguida o cadaver era envolto em um panno branco (cor usada para o lucto entre os japonezes) e era queimado incenso funerario. O executor enxugava a espada suja de sangue em uma folha de papel branco, que previamente tinha o cuidado de pendorar na cintura, e tornava a embainhal-a; o primeiro official de justiça agradeçia ao dono da casa o incommodo que havia tomado e retiravam-se todos. Quatro cavalheiros de categoria inferior eram encarregados de amortallar o corpo e de deixar o salão no estado em que o encontraram antes da execucao.

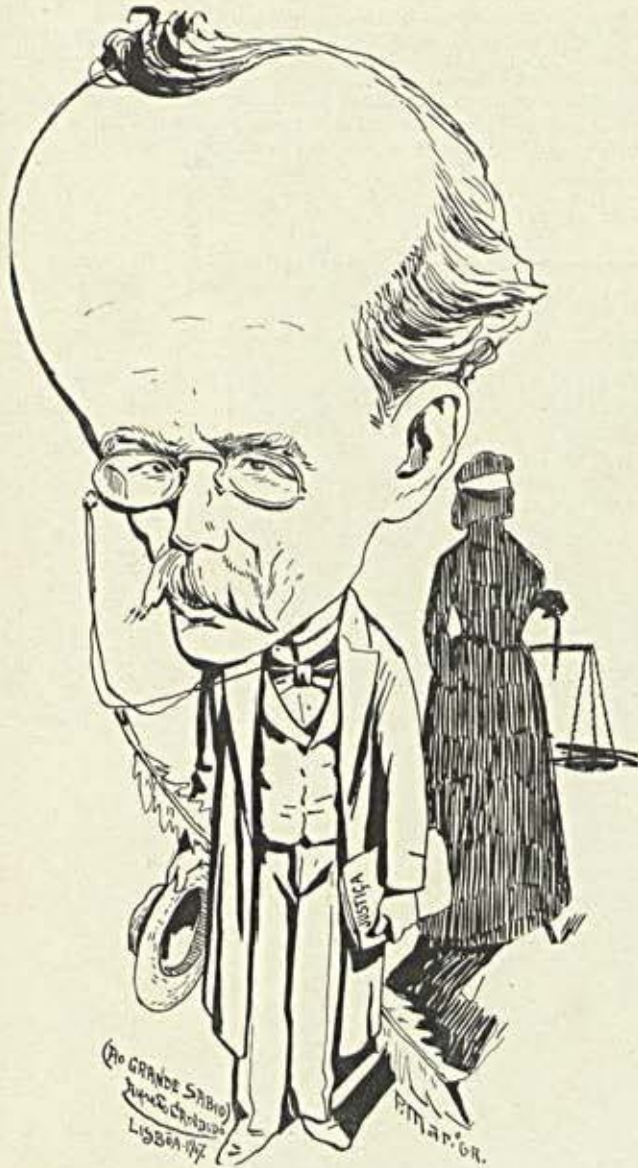
A decapitação era muitas vezes executada por um amigo do condemnado, o que se considerava uma alta prova de estima e amizade e o que constituia uma grande honra para ambos! O amigo executor perguntava ao paciente se queria ser decapitado com sua propria espada, o que era mais uma prova de estima e motivo de suprema consolação para o paciente. Como tal execucao não era de modo algum vergonhosa, tornava-se necessario guardar o maior decoro. Assim a decapitação devia ser effectuada de um só golpe, porque, se fallhasse o primeiro, ter-se-ia o desagradavel espectáculo de um ferimento horroroso. Entretanto, um habil executor não devia ferir de modo que a cabeça ficasse inteiramente separada do tronco; o cumulo da arte estava em cortar-a, deixando-a presa por uma parte, segural-a pelo tufo de cabellos e acabar a separação.

Exigia-se pericia para este horror.

Um dos *harakiris* mais celebres e cuja execucao fez pulsar de orgulho a alma japoneza, foi o dos *quarenta e sete* cavalheiros, que

se realizou no começo do século XVIII. Esses quarenta e sete *bravos*, porque vingaram o assassinio do seu mestre matando o assassino, foram condemnados pelo governo a *morrer honrosamente*, isto é, a rasgar o ventre; e fizeram-no successivamente, sem a menor hesitação, orgulhosos do seu valor e da honra que assegurariam ao nome que usavam. As suas sepulturas são hoje um lugar de peregrinação

Onde canta o Sabiá



Dr. Ruy Barbosa

nacional perto de Tokio. Todos os annos são ali celebradas solemnes ceremonias em honra ás suas memorias.

Finalizemos com uma anecdota que mostrará a tranquillidade com que o *harakiri* e a decapitação se praticavam no Japão cavallheiresco.

O senhor Sano devia soffrer este supplicio. Levaram-o ao logar da execução. Depois de tudo preparado, segundo as regras do costume:

— Meu amigo, diz elle ao executor, logo que eu tiver dado o golpe no ventre, soltarei um grito de dor; não perca o sangue frio na occasião de me cortar a cabeça e fira com mão firme.

— Será obedecido, senhor. Estou prompto e ás suas ordens.

Sano estendeu a mão para segurar a adaga que estava collocada na sua frente. No mesmo instante o braço do executor agitava a espada e a cabeça do paciente caiu.

— Que fez que não lhe deu tempo para abrir o ventre?! clamaram os assistentes.

— Elle ia faltar ás regras do *harakiri* gritando com a dor, respondeu o executor, e eu poupei-lhe esta vergonha.

Todos concordaram em que elle havia procedido como homem sabio e que havia perfeitamente interpretado o código da honra.

Manaus.

ALVARO LEITÃO.

Nota lyrica

Nas madrugadas de estio
O sol põe, graciosamente,
Nas aguas mansas do rio
Uma chuva resplendente
De formosas pedrarias
Que as ondas, quando se movem
Fazem brilhar, docemente,
Nas suas cúpulas frias...

Assim, meu lirio nevado,
Quando em noutes sem luar,
Ergues o rosto maguado
Fitando o céu... esse olhar,
Esse olhar tão socegado,
Mas sempre cheio de luz,
Como se fôra formado
Do brilho d'alguma cruz,
Esse olhar tão socegado
Produz no céu as estrellas,
Tão fulgurantes, tão bellas,
Que tu no céu vês brilhar,
Meu anjo casto, bendito,
E que são os reverberos
Da meiga luz d'esse olhar
Nas ondas do infinito...

Êça de Almeida.

THEATROS



Joaquim Costa

Joaquim Costa, o actual gerente do theatro de D. Maria. Artista querido das plateias, este actor da velha guarda é hoje um dos poucos que tem o segredo de fazer rir, mantendo-se sempre na mesma linha de correcção sem recorrer a — trucs de mau gosto. No palco um honesto — na vida um homem de bem.

Os barometros do povo

Para a gente das aldeias, os pombos são os melhores indicadores do tempo; quando pousam no telhado de uma herdade, apresentando o papo para o levante, é signal seguro de que choverá no dia seguinte, se não chover de noite.

Se recolhem tarde ao pombal ou se se alimentam nos arredores da herdade, a chuva é imminente.

Os prognosticos das gallinhas não são menos certos. Quando se espanejam na terra, eriçando as pennas, é signal de tempestade proxima; outro tanto indicam os patos, quando mergulham n'agua, batem as azas e se perseguem alegremente.

Se, estando magnifico o tempo, o camponio vê a vacca lambar a parede do estabulo, pode apressar-se a recolher as forragens; a vacca lambe o salitre que a humidade da atmosphera fez apparecer na parede, e isto indica chuva para o dia seguinte.

Se as abelhas se recolhem muito antes do pôr do sol e com pouca

colheita, indicam chuva tambem, assim como os corvos quando despertam cedo e grassam mais que de ordinario.

Quando os pardaes são madrugadores e cantam muito, é de esperar bom tempo à tarde.

Se as andorinhas voam, rastejando pela terra, não está longe a tempestade; porem, se se elevam, desapparecendo nas nuvens, prognosticam bom tempo, assim como os rouxinões, se cantam claro de noite. Acontece o contrario quando as rãs realisam os seus concertos e quando as lavandiscas brincam á beira da agua.

Não são só os animaes que indicam a mudança de tempo aos camponezes. Se, pela manhã, a folha da couve está secca, é bom signal; mas, se está humida, indica chuva em curto prazo.

Se a pelle da peneira do trigo está frouxa, e se os feixes de trigo ou de aveia pesam mais que de costume, indicam igualmente chuva.

O rachador de lenha que vae ao monte consulta o seu machado; e se o encontra limpo e luzente, pode esperar bom dia; se está baço, ha que temer a chuva.

A lua é tambem excellente barometro; se está rodeada de um circulo pardo, indica chuva; se o circulo é avermelhado, vento; se branco, limpo e luminoso, bom tempo.

THEATROS — D. Maria



Edmundo Basso